

# Esgrima internacional

Um verdadeiro jogo de esgrimistas está se passando entre nossas autoridades econômicas e os nossos interlocutores internacionais. Houve um endurecimento dos Estados Unidos e do Fundo Monetário Internacional. A reação brasileira foi comedida.

Dois elementos fundamentais devem ser destacados na posição brasileira. O primeiro destes elementos é a afirmação clara de que a busca do equilíbrio orçamentário e a luta contra a inflação não são dados que se nos imponham do exterior, são elementos básicos de nossa política definidos soberanamente. Este elemento de nossa posição não pode, entretanto, ser compreendido sem o segundo. Os ritmos e a forma de efetuar este combate tende ser definidos levando em conta a necessidade que tem nossa sociedade de crescer economicamente.

O Brasil não adota uma posição de enfrentamento que seria irrealista, seria irresponsável. Discutir com aqueles que detêm as chaves das finanças internacionais é indispensável para que caminhos de saídas sejam encontrados.

A posição brasileira não mudou, mas é evidente um esforço de emprego de uma linguagem mais assimilável pelas autoridades monetárias internacionais. Isto se passa num cenário em que todos têm consciência de que mudanças deverão ocorrer. A ordem econômica internacional, como está estruturada não é sustentável. O Brasil não deseja, entretanto, fazer o papel do boi de piranha. Não podemos deslanchar uma crise que nos seria extremamente custosa e, depois, esperar que a razão voltasse aos nossos interlocutores.

Disponemos de dois trunfos importantes e que são compreendidos por nossos interlocutores. Temos reservas, o que nos permite mostrar que não temos pressa. Temos sido

capazes de pagar os juros de nossas dívidas nos prazos esperados, o que impede que nossos interlocutores se mostrem azedos.

Além destes dois trunfos, sabemos algo mais: uma catástrofe no Brasil afetaria grande parte do mundo. Não a desejamos, mas sabemos também que nossos interlocutores seriam também atingidos pelas consequências. A ameaça da hecatombe não pode ser manejada justamente por aqueles que seriam as primeiras, mas não exclusivas, vítimas.

Todos os interlocutores estão cientes de que o quadro é este, todos sabem que os discursos escondem fatos, todos sabem que, mais cedo ou mais tarde, as regras terão que mudar, mas somos obrigados a nos situar no universo presente.

Depois de terem "engrossado", as autoridades internacionais voltaram a termos mais razoáveis. Isto ocorreu depois que nosso ministro das finanças se pronunciasse, em Seul, anunciando medidas de austeridade crescente.

Neste quadro de adequação das posições às reais correlações de forças existentes, algo de surpreendente surge: as autoridades monetárias internacionais falam demais em mais em novos empréstimos para o Brasil. O fato estranho é que nunca partiu do Brasil solicitação neste sentido. O fato é indicativo do estado de espírito dos credores.

Tendo consciência de que não abriremos mão do princípio de que temos de guardar um certo nível de poupança para dinamizar nossa economia, querem fornecer elementos para que possamos o fazer mesmo obedecendo às suas receitas para nossa política interna. Assim, aumentaríamos nossa dívida e, em consequência, seu serviço. Seria a volta aos antigos esquemas já comprovadamente inviáveis como solução.